

O TRABALHADOR

INFORMATIONS DE LA C. G. T. EN LANGUE PORTUGAISE

Redaction et Administration : 213, rue Lafayette, Paris-10° - Juin-Juillet 1965

A NOSSA PALAVRA DE ORDEM :

UMA SÓ CLASSE, UMA SÓ ORGANIZAÇÃO SINDICAL

(Extractos do discurso de encerramento, pronunciado por Benoît FRACHON, no XXXV Congresso da C.G.T.)

— «Uma só classe operária, uma só organização sindical, tal é a nossa palavra de ordem» — disse Benoît Frachon, vivamente aplaudido.

Nós temos exposto publicamente, desde há muito tempo, as nossas concepções sobre a constituição duma central sindical única. Léon Mauvais o recordou, no seu relatório.

Nós temos dito e repetido bastas vezes que estamos prontos a discutir, com os representantes das outras organizações sindicais, todas as questões que se põem para a unificação do movimento sindical, assim como procurar, com eles, as bases de um acordo, como fizemos em 1934 e 1935, entre a C.G.T. e a C.G.T.U.

Em vez de tomarem a sério o nosso apelo, os dirigentes das outras organizações respondem com argumentos puramente políticos que tendem a jogar uma parte da classe operária contra outra parte e a travar a evolução de que eles mesmos sentem os seus efeitos em relação à solução do problema principal que engloba toda a classe operária.

Descamps, no último Congresso da C.F.D.T., Destraz numa declaração ao jornal « La Croix », afirmam que, se a unidade sindical não se realiza, é porque existe um Partido Comunista e, por consequência, comunistas. Isto não os impede de afirmar que as suas organizações estão abertas a todos os trabalhadores.

Numa declaração do secretário geral da F.O., feita no Congresso dos serviços públicos, encontram-se os mesmos argumentos.

Se seguisse os seus raciocínios, a classe operária estaria infinitamente dividida.

Mas, dar-se-ão conta, esses que agem assim, esses que fazem à C.G.T. tais reparos, absolutamente contrários à verdade, de que a C.G.T. é uma organização política, que, falando assim, eles marcam as suas centrais sindicais duma política querida aos capitalistas, que é a do anti-comunismo mais estropiado, o mais anacrónico?

O comunismo não é somente um partido, é, antes de tudo, uma realidade para um terço do mundo; é, também, uma ideia que se expande pelo mundo inteiro depois de mais de um século e que contribui largamente para agravar ainda mais as contradições que minam o sistema

capitalista, incapaz de sair da crise geral na qual ele se debate.

Há em França muitos trabalhadores que são comunistas. Como se poderá tentar a unidade da classe operária sem incluir esses trabalhadores?

Que Descamps, Detraz, Bergeron sejam anti-comunistas é um problema de opinião política. Eles têm perfeitamente o direito de agir como tal, na sua vida política, e mesmo de enterrar-se dentro de todas as utopias e combinações que outros dirigentes sindicais, eles também, têm o direito de considerar absurdas. Mas que eles pretendam transformar os sindicatos em instrumentos de luta por esta ou aquela política é simplesmente confessar que eles

ficariam contentes com uma organização sindical participante na política, incapaz portanto de responder às aspirações da classe operária e à sua unidade. Melhor, ainda: — tomando como bandeira o anti-comunismo, eles desejam friamente que os sindicatos sejam portadores da discordia junto do seio do movimento operário, isto é, nas empresas onde os trabalhadores seriam chamados a esquecer a defesa dos seus interesses comuns em face dos patrões, para usar as suas forças em estereis afrontamentos fratricidas.

Há na C.G.T. comunistas. Como poderia ser de outra maneira, numa organização como a nossa, aberta a todos os

(Conclui na página 7)

UM CONGRESSO QUE FICARÁ NA HISTÓRIA

por L. MASCARELLO, Secretário da C. G. T.

« FATIGADOS MAS CONTENTES. E' UM CONGRESSO INOLVIDAVEL ». Depois da vibrante « Internacional », encerrando o 35º Congresso da C.G.T., foi esta a reflexão feita pelos delegados que a esse Congresso assistiram.

Eram 1.500 e durante seis dias, com a seriedade própria dos infantes da classe operária, mas também própria dos grandes momentos, no decurso do qual eles puderam manifestar todo o entusiasmo

que os dominava, eles debateram os seus problemas, que são os mesmos de todos os seus camaradas de trabalho.

Em Ivry, de 16 a 21 de Maio passado, foi, com efeito, o coração da classe operária que bateu no ritmo que dão a força e a confiança. Clareza nas intervenções, espírito de iniciativa e determinação de luta, encheram o 35º Congresso confederal, à base nacional, da C.G.T. e marcarão um alto lugar na história desta nossa grande central sindical.

Unidade de acção e união das forças democráticas indispensáveis para ir à conquista da renovação da democracia, do progresso social e da Paz, apareceram sem cessar durante todo o decorrer dos trabalhos.

A imprensa burguesa, largamente representada e sempre tão ávida de enterrar a C.G.T., viu-se forçada a fazer-se eco à qualidade e ao espírito de classe dos delegados.

E' impossível dizer em algumas palavras todas as emoções sentidas pelo conjunto dos delegados logo que os representantes de 40 países vieram trazer a sua saudação fraternal ao Congresso. A noção de internacionalismo proletário teve toda a significação que merece, tanto é verdade que o progresso social, liber-

(Conclui na página 6.)

UMA MEDALHA DE OURO

O camarada Kozelka, secretário geral dos sindicatos checoslovacos e o embaixador desse país em França, condecoraram durante o XXXV Congresso da C.G.T., Benoît Frachon pela sua contribuição na derrota do fascismo hitleriano, de que acabámos de comemorar o XX aniversário.

De pé, o Congresso aplaudiu longamente esse acontecimento. Depois, com emoção, Benoît Frachon pronunciou algumas palavras de agradecimento:

— « Creio que, escolhendo-me a mim para esta honra, pretendestes honrar toda a classe operária do nosso país que durante as horas sombrias da ocupação nazista travou no nosso solo um combate duríssimo e heróico. »

CONSULTÓRIO JURÍDICO-SOCIAL

UM APELO DA FEDERAÇÃO C.G.T. DE AGRICULTURA

TRABALHADORES AGRICOLAS PORTUGUESES

Vocês foram obrigados a abandonar o vosso país, a vossa família, o lugar onde nasceram, para vir para França ganhar o vosso pão, porque em Portugal, sob o regime de Salazar, o trabalho falta, além de que é muito mal pago.

Com a política agrícola de Salazar, aldeias e vilas inteiras desse país são abandonadas e zonas restam semi-desertas, o que causa graves prejuízos ao património nacional de Portugal e proporciona a miséria nas casas dos trabalhadores.

Os patrões franceses, conscientes desta triste situação, fazem-nos vir para França com a intenção de vos explorar o mais duramente possível.

Nós vos defenderemos! Ajudem-nos nessa vossa defesa, aderindo à C.G.T.

SALARIO PARA A MONDA E SALARIO HORARIO

A C.G.T. esteve na iniciativa da assinatura dum *Acordo Nacional* com o patronato, aumentando de 4,60 % os preços do ano passado. Este acordo aplica-se para a beterraba a 40-42 cms de distância uma da outra, o que dá 28 à 30 pés por cada 10 metros. E' o seguinte:

- 27.600 francos (antigos) por hectar (indenização de férias pagas não incluído).
- 29.300 francos (antigos) por hectar (com indenização de férias pagas) - 1/16º igual 3 semanas.
- 29.900 francos (antigos) por hectar nos departamentos que tenham já a 4a. semana de férias pagas.

Mas é necessário assinalar que estes preços são os *mínimos*.

Os salários horários para todos os trabalhos são fixados por departamento e por categoria. Actualmente, os salários mínimos, segundo os departamentos, são de 200 à 220 francos (antigos) à hora.

OS PATROES PODEM PAGAR SALARIOS MAIS ELEVADOS

Isto é justificado pelo aumento real do custo de vida.

E' preciso, também, ter em conta do estado particular das terras que podem dar igualmente justificação a um aumento de salário, em razão do trabalho ser mais longo e difícil.

"RONDA DE BIDONVILLES"

Por absoluta falta de espaço, não podemos hoje publicar diverso original, de entre o qual "Ronda de Bidonvilles", de que pedimos desculpa aos nossos amigos leitores.

Assim, foi por isso que o ano passado um certo número de equipas conseguiram obter 3, 4 e 5.000 francos (antigos) mais por cada hectar.

NOMEAI COMISSOES UNITARIAS!

E' preciso nomear, nos próprios lugares de trabalho, «comissões de unidade» para melhor se poder coordenar todas as acções que julgarem oportunas para a defesa dos vossos direitos e o aumento dos salários.

Informem-se junto do Sindicato local da C.G.T., que vos dará todas as explicações precisas. Ou escrevam-nos, sobre os vossos problemas. Nós vos ajudaremos.

Unam-se aos vossos camaradas trabalhadores franceses e reclamem, com eles, melhores salários!

Os patrões não podem passar sem os trabalhadores. Os patrões precisam de vocês e, por isso, deverão pagar o que é justo e devido!

VOCES DEVEM GANHAR OS MESMOS SALARIOS QUE OS VOSSOS CAMARADAS FRANCESES

E' pelo resultado das suas lutas persistentes que os trabalhadores franceses têm obtido a melhoria de salários. Os trabalhadores emigrados têm direito aos mesmos salários que os trabalhadores franceses.

Exijam o respeito dos direitos garantidos pelos vossos contratos!

Exijam a pagamento das férias pagas e a garantia contra os acidentes de trabalho!

Exijam um alojamento decente, com cama, manta e lençóis!

Não aceitem dormir nas barracas-rápidas, sobre a palha!

Não concordem com o reembolso das despesas de viagem, ao patrão. E' ele que as deve pagar. Trata-se dum direito que o trabalhador tem e que é preciso fazer respeitar!

CAMARADAS TRABALHADORES PORTUGUESES

Vocês, que conhecem o fascismo na vossa terra, melhor que ninguém, sabem o preço da liberdade.

Os trabalhadores franceses têm direitos que souberam conquistar, através de grandes e duras lutas. Ajudem-nos a defender esses direitos, ajudem-nos a defender essas conquistas! Não fiquem isolados! Tomem contacto com os vossos companheiros de trabalho franceses. Eles vos darão toda a ajuda possível.

Inscrivam-se nos nossos Sindicatos C.G.T., durante a vossa estadia em França!

Viva a união de todos os trabalhadores!

Viva a solidariedade internacional dos operários!

A Federação
de Agricultura C.G.T.

Permanências da C.G.T. para portugueses

NO SENA :

CHAMPIGNY. — Na União Local da C.G.T., 197 bis, rue de Verdun, todos os domingos, das 10 às 12 horas.

LEVALLOIS. — Na União Local da C.G.T., todas as Quintas-feiras, das 17,30 às 19,30 horas.

NANTERRE. — Na Sala da Cooperativa, Largo da Mairie, todos os Domingos, das 10 às 12 horas.

SAINT-DENIS. — Na Bolsa do Trabalho, 4, rue Suger, todos as Terças e Sextas-Feiras, das 17 às 19 horas.

AUBERVILLIERS. — Na União Local da C.G.T., 13, rue Pasteur, todas as Quintas-Feiras, das 18,30 às 19,30 horas.

VILLEJUIF. — Na União Local da C.G.T., no 1º sábado de cada mês, das 20 às 22 horas.

CHOISY-LE-ROI. — Na União local C.G.T., av. des Alliés, todos os sábados, das 17,50 às 20 horas.

CLICHY. — Na União Local da C.G.T. todos os domingos das 10 às 12 horas.

BOLSA DO TRABALHO-C.G.T., 3, rue Château-d'Eau (Bâtiment). Todas as terças-feiras, das 18 às 19 horas.

NO SENA E MARNE :

MELUN. — Na Bolsa do Trabalho, quai H.-Roussignol. Todos os Domingos, das 10 às 12 horas.

NO SENA E OISE :

JUVISY-SUR-ORGE. — Na U.L. C.G.T., 10, rue Châtillon, todas as Segundas, Terças e Quintas-Feiras, das 18 às 20 horas.

NO ISERE :

GRENOBLE. — Na Bolsa do Trabalho, 2, rue Berthe-de-Boissieux. Todas as quartas-Feiras, das 18,30 às 19,30 horas.

SOLIDARIEDADE AOS ESCRITORES PORTUGUESES

Helsinquia, 15 de Julho.

Associação dos escritores finlandeses e a dos escritores suecos residentes na Finlândia, numa resolução conjunta, exigem que a Sociedade Portuguesa de Escritores seja reconstituída dentro dos seus direitos. Um abaixo-assinado, entregue na Embaixada de Portugal, em Helsinquia, sublinha que a dissolução da Sociedade dos Escritores é contrária à vontade geral de melhorar a condição dos artistas e pessoas de letrase o seu estatuto jurídico.

ESCOLAS PARA TRABALHADORES

Qualquer que seja a cidade ou vila em que os trabalhadores portugueses estejam a ocupar a sua actividade profissional, eles devem tentar pôr-se em contacto com as organizações sindicais da C.G.T., quer seja um sindicato de empresa, quer seja uma União Local ou uma União Departamental. E uma vez em contacto com estas organizações sindicais da C.G.T. deverão procurar que elas ajudem a actividade dos trabalhadores portugueses, tanto no que respeita à defesa dos seus direitos, como operários exercendo a sua actividade em terras francesas, como nou-

tros ramos de actividade, quer sejam de instrução, de recreio e de cultura.

Onde quer que haja um certo número de trabalhadores portugueses que pretendam aprender o francês, ou mesmo aprender a ler e escrever português (dado que infelizmente, ainda há muitos operários lusitanos que chegam a França sem saber ler e escrever na sua própria língua) esses trabalhadores deverão pôr-se em contacto com os responsáveis dos sindicatos, das Uniãos Locais ou Departamentais da C.G.T., expondo-lhes esse e outros problemas que tenham e, de harmonia com eles, tentar ajudar na efectivação dessas aulas para trabalhadores portugueses, ou da criação de "permanências" na C.G.T. com o fim de ajudar os emigrados de Portugal.

A verdade é que, quando o operário não sabe entender os franceses, os patrões aproveitam-se dessa ignorância da língua para melhor os explorarem, para os explorarem ainda mais que aos trabalhadores franceses ou que saibam francês. Daí a necessidade, a urgente necessidade que os trabalhadores portugueses têm em aprender o francês. E quanto mais depressa, melhor. Isso ajudará a anular muita grossa exploração de certos miseráveis patrões que, sabendo as negras condições em que grande número de operários portugueses chegam a França (especialmente os que vêm por via clandestina) tiram tudo desses operários que a ganância patronal e capitalista tira, sempre que a ocasião para isso se lhe apresenta.

E' verdade que as escolas não aparecem espontaneamente. Elas não surgem por simples acaso. Quando uma escola, uma aula de português ou de francês é criada, em direcção dos trabalhadores, tal facto representa o resultado dum certo número de esforços, conjugados para esse fim. São esforços feitos por pessoas mais compreensivas desse e doutros problemas que interessam aos operários portugueses, em ligação com esses mesmos operários que faz com que, aqui e ali, as escolas sejam criadas, as permanências sindicais comecem a funcionar, etc. Isso é sempre o resultado da larga e justa e compreensiva colaboração entre todos, os mais e os menos desenvolvidos. E' que só uma união de todos os que trabalham e amam o seu semelhante, com um fundo de solidariedade humana, terão dado quanto podem para que a vida dura de trabalho não seja ainda mais dura, em meio de ignorância e de exploração: — ignorância dos que produzem riqueza, exploração dos que se aproveitam do produto dos braços dos trabalhadores, fabricantes dessa riqueza.

SOLIDARIEDADE

Recebeu-se :

Lista a cargo de Mme A. : 15,00 F

Rumo à Vitória : 100,00 F

ACIDENTES DE TRABALHO

Os acidentes de trabalho ferem dolorosamente as cidades e vilas da França. Eles causam perdas de vidas humanas equivalentes, cada ano, dez vezes mais que uma catástrofe como a de Fréjus. Em todas as horas, verificam-se acidentes de trabalho. Contam-se, em média, 136 acidentes de trabalho por hora, o que dá 3.264 por dia, ou seja 1.100.000 por ano !

O Presidente do Instituto Nacional de Segurança no trabalho declarou há pouco que : « para o ano de 1963, houve quase 12 pessoas mortas em cada dia de trabalho ».

Neste mesmo ano de 1963, houve em média um morto por cada 94 operários na pintura industrial ; 1 morto por cada 155 operários na construção de chaminés ; 1 morto por cada 255 operários na construção metálica, nas montagens, etc. Os mineiros pagaram também, e pagam, em cada dia, um pesado tributo em vidas humanas, no seu duro e mal pago trabalho. Também os marítimos sofrem com a vaga assassina, que semeia o luto e a dor em numerosos lares.

Os sindicatos, sobretudo a C.G.T., e outros organismos, batalham corajosa e insistentemente pelo desenvolvimento das condições de segurança no trabalho, pelos direitos dos trabalhadores em exigirem essas condições de melhoria de segurança em seu « métier », e toda a gente sabe que nunca é demais insistir por essa melhoria nas condições de trabalho. A Vida de cada trabalhador, não deve estar exposta à insegurança ou menosprezo da parte dos patrões, quaisquer que eles sejam, particulares ou oficiais. Todos os organismos sindicais e outros devem insistir pela eficácia das condições de segurança no trabalho, de forma a fazer baixar essa média de acidentes, que é monstruosa, especialmente para um país desenvolvido e progressivo como a França. Operários e sindicatos, uns ligados à actividade dos outros, deverão ter sempre em vista este muito sério e grave problema. Devem reforçar mais e mais os laços dos que trabalham com os seus sindicatos, e, com eles, através de seus delegados, exigir sempre, qualquer que seja o trabalho em que o operário se ocupe, as indispensáveis condições de segurança, para defesa da própria vida e do pão de sua família. E, sendo necessário, em face da recusa do patrão ou dos responsáveis, em cumprir com esse dever que a própria lei obriga, isto é, em providenciarem com as precisas medidas de segurança, todo e cada um dos trabalhadores deverá recusar a trabalhar, expondo a vida ! E' que, como já diziam os nossos avós, « a vida humana não há dinheiro que a possa pagar ».

A POSIÇÃO DO S. P. F. FACE AOS TRABALHADORES EMIGRADOS

Do órgão do Socorro Popular Francês, « La Défense », transcrevemos o seguinte artigo, aparecido no n.º 487 do citado jornal :

A nossa Associação, pela sua actividade, deve fazer recuar a xenofobia indigna dum ente civilizado e do mais elementar bom-senso.

Os trabalhadores emigrados não vêm para França voluntariamente para seu prazer ; eles são obrigados a emigrar para aqui em face da grande miséria que reina nos seus países.

No decurso de 1964, 74.000 emigrados espanhóis, 50.000 portugueses, 15.000 marroquinos, 10.200 italianos, entre outros, entraram em França.

Com referência às cifras oficiais, 99.082 emigrados portugueses chegaram a França sómente em 1963. Estas cifras não têm em conta os que vêm clandestinamente, avaliados, nesse ano, em 60.000...

A Embaixada de Espanha em Paris avalia em 600.000 o número dos espanhóis vindos para França. Este número aumenta em cada ano em cerca de 80.000. Em 1966 heverá em França, segundo as previsões baseadas nas estatísticas destes últimos anos, UM MILHAO de residentes espanhóis !

A situação dos trabalhadores argelinos, como a dos trabalhadores de cor, prende igualmente a nossa atenção.

E' necessário, mais que nunca, denunciar este verdadeiro mercado de escravos, de negreiros que organiza, em particular, a vinda de trabalhadores portugueses. Homens, indignos desse nome, transformam-se em verdadeiros traficantes e tratam os homens pior que as bestas.

A nossa Associação deve desenvolver, como sempre, ao mesmo tempo, a solidariedade material, moral e jurídica pelos trabalhadores emigrados, e bem assim as « démarches » necessárias pelo respeito integral dos seus direitos, como trabalhadores exercendo a sua actividade em terras francesas.

LIBERTEMOS

JOSE RODRIGUES VITORIANO !

José Rodrigues Vitoriano precisa ser libertado! Ele está sofrendo há cerca de 15 anos na prisão. Encontra-se actualmente doente. E tendo cumprido as penas de prisão a que as autoridades fascistas, e a sua Pide, o condenaram, é de toda a elementar justiça que seja posto em liberdade.

Em qualquer parte que vivas, amigo português; em qualquer região que trabalhes, emigrante português; seja onde for que empregues a tua actividade, mulher portuguesa, escuta: é preciso ajudar a libertar JOSE RODRIGUES VITORIANO ! E' um dever e um orgulho, ajudar a libertar este democrata e sindicalista português, natural de Silves (Algarve).

Envia cartas, mensagens, postais, telegramas, exigindo a libertação imediata deste democrata, a:

Presidente da República - Lisboa (Portugal).

Presidente do Governo - Lisboa.

Ministro da Justiça - Lisboa.

Embaixador de Portugal - 3, rue de Noisiel - Paris.

Cardeal Patriarca - Lisboa.

e a todos Consulados e Embaixadas de Portugal dos países onde viverem portugueses.

Benoit FRACHON e André BERTELOOT recebidos por DE GAULLE

O General De Gaulle recebeu, em 26 de Maio passado, uma delegação da C.G.T. Durante mais de uma hora, os nossos camaradas expuseram ao Chefe do Estado as preocupações dos trabalhadores. Os jornalistas, à saída, quiseram ouvir Benoit Frachon, que declarou:

«Viemos aqui como porta-voz e embaixadores da classe operária, e se dissessemos que nos tínhamos posto de acordo com o Presidente da República não nos acreditariam, naturalmente. Expusmos as razões do descontentamento da classe operária, demos o nosso ponto de vista sobre os salários e sobre as lutas mais movimentadas neste momento.

Falámos dos grandes conflitos actuais, especialmente na Peugeot, em Nantes, etc., para salientar a gravidade excepcional que reveste a causa da atitude negativa dos patrões. Estes jogam aos aprendizes de bruxos... mas a tampa da marmitta poderá saltar-lhes para o nariz...

O General De Gaulle escutou-nos com atenção. Mas os senhores sabem muito bem que entre a política social e económica do Governo e a nossa, há uma enorme diferença.»

Por fim, como se tratava da primeira entrevista que o Presidente da República sustinha com a C.G.T., Benoit Frachon precisou com toda a clareza:

«Sempre temos estado dispostos a responder favoravelmente aos convites dos Chefes do Estado ou ao dos ministros, para discutir acerca dos interesses dos trabalhadores.»

PROBLEMAS DE PORTUGAL

A JORDANA DO PRIMEIRO DE MAIO

CONCENTRAÇÃO EN LISBOA.

Desde o início da tarde que, na Baixa e imediações, se nota um número muito elevado de polícias fardados e à paisana. Circulam carros da PSP, assim como um jeep da P. Militar com soldados armados de metralhadoras. Nota-se mais P. Militar. Identificam-se muitos agentes da PIDE. Muitos e muitos polícias e legionários à paisana. A PIDE dirige às claras a actividade repressiva dando ordens à PSP e à GNR. Em frente da esquadra do Teatro Nacional uma central transmissora, sob as ordens, pensa-se, do comandante geral, parecia controlar todas as forças repressivas. Ali se concentram o aparelho policial pronto a intervir: a polícia de choque, muitas viaturas da PSP, polícia militar de metralhadoras, carro de água, etc. Em frente das esquadras da PSP (em vários pontos da cidade) estão carros da polícia preparados para avançar.

As 18 horas concentram-se na Baixa alguns milhares de pessoas, talvez cerca de dez mil. O Rossio, os Restauradores, a rua Barros Queiroz, o elevador de Santa Justa, o Largo de S. Domingos estão cheios de gente. Casais com filhos, muitas mulheres, soldados e marinheiros, mas a maioria são jovens, sobretudo trabalhadores. Agentes da PIDE, que se identificam, mandam circular; grupos de 3 e 4 PSP dirigem-se aos magotes parados obrigando as pessoas a andarem. Um carro, pelo menos, da PSP, está munido de um altifalante que berra: «E favor circular. E favor não ficarem parados». Forçados a andarem, circula-se do Rossio para os Restauradores e dos Restauradores para o Rossio.

As 18,20 horas um gravador instalado num prédio em pleno Rossio transmite palavras de incitamento aos portugueses, aos trabalhadores, aos patriotas, para que se fizesse deste dia mais uma grande jornada de luta contra o fascismo, para que esta manifestação fosse uma grande contribuição para o levantamento nacional, etc. Ouvidos por muitas dezenas de pessoas, estes incitamentos despertaram um vivo entusiasmo. Entre as 19 e as 19,20 h rebentam uma dúzia de morteiros. Alguns grupos soltam gritos e vivas.

As 20 horas, um grupo de cerca de 80 jovens, parte deles estudantes, junto aos telefones do Rossio rompe cantando a «Portuguesa» e dando vivas e morras. Imediatamente surgem as forças repressivas que, segundo a opinião de um jovem, «agem como feras», de pistola em punho, começando a espancar. A polícia encosta as metralhadoras ao peito das pessoas. Foram vistas pessoas feridas e 3 jovens irem preses. Um jovem espancado a pontapé, com a cabeça partida, é ameaçado de pistola em punho para que

se entregue. A intervenção policial é de extrema violência.

Do Rossio passa-se para os Restauradores, juntando-se mais pessoas, soltando-se gritos com palavras de ordem: «Avenida a cima»; atrás dos manifestantes o povo correu; a manifestação estava no auge. Pelo meio da rua os carros da polícia interrompem fazendo frente, enquanto a polícia vinda da esquadra do Rossio, mete as pessoas no meio, as quais tiveram que fugir pelas ruas laterais.

Até às 21 horas a Baixa manteve-se cheia de gente.

ALPIARCA:

Foram largados foguetes e morteiros a partir da meia noite até por volta das 3 horas da manhã. Os trabalhadores do campo e da construção civil fizeram greve, não trabalhando ninguém.

A APOSIÇÃO DE CONDECORAÇÕES NÃO RESOLVE O PROBLEMA

Dando-se conta da falta de entusiasmo com que grande parte dos militares partem para as guerras coloniais que o governo salazarista impôs ao povo português, fomenta-se agora a «moda» de homenagear, com condecorações de todas as «ordens», os militares que mataram mais gente africana, — e os que nessa luta «heroicamente» morreram...

Não queremos, de modo algum, minimizar a memória dos soldados mortos numa guerra que nada tem de comum com os verdadeiros interesses de Povo português. Condenamos todas as guerras, mas respeitamos a memória de todas as vítimas que nelas são dizimadas.

Com o que não concordamos é com o facto de se estar a «jogar» aos falsos patriotismos, com a aposição de medalhas e outras condecorações que nada dizem... e que não conseguem fazer voltar com vida, para junto das famílias, os jovens que o salazarismo-policial-fascista manda matar e morrer nas distantes terras africanas. Com umas quantas centenas de escudos, compram-se medalhas e cruces de guerra, que podem ser distribuídas como se desejar. Mas não há dinheiro algum que possa comprar uma vida assassinada.

Porque não vão para a guerra os senhores das riquezas de Portugal e de Angola, Moçambique e Guiné, em vez de mandarem os filhos dos outros, os jovens que nada têm a ganhar com essas matanças?

Vai já sendo muito longa a lista dos jovens portugueses assassinados nesses campos de combate. Quando se porá fim a essa sangria de inocentes vítimas do

Desde manhã cedo, 8 pides colocaram-se a uns 40 metros da porta principal do cemitério; um jeep da CNR com 3 guardas e o sargente colocaram-se no mesmo portão. Apesar deste aparato repressivo o povo dirigiu-se às dezenas para a campa da saudosa MARIA ALBERTINA e encheu-lhe a campa de flores; quando estavam juntas umas 100 pessoas, um democrata tomou a palavra para fazer um breve discurso e pedir um minuto de silêncio.

Da parte da tarde juntaram-se uns cento e tal rapazes e raparigas que foram fazer um piquete para a ponte, à beira do Tejo. Este decorreu muito animado, com baile, e sempre acompanhado de gritos de abaixo o fascismo, vivas à liberdade, fora com Salazar, etc.

Aproximadamente a hora prevista para a concentração, às 18,45, levantaram o

fascismo-salazarismo? O povo pode e deve acabar com este monstruoso crime. Para tanto, deve organizar-se e ajudar na organização. Deve ajudar a preparar as condições precisas para, numa luta organizada, derrubar o monstro do fascismo-salazarismo. Deve estar pronto para isso, através das directrizes das organizações de Unidade anti-fascista conhecidas.

As condecorações aos vivos, por terem morto mais que os outros, os filhos africanos que nem sequer conheciam, que eram vítimas, também, do colonialismo-fascista de Salazar e dos monopólios nacionais e estrangeiros que apadrinha sob esse monstruoso crime da guerra, de nada servem. Não dão dinheiro, nem pão a ninguém. Nem honram pessoa alguma. Tempo virá em que todos sentirão remorso e vergonha de usarem tais condecorações. Tempo virá em que o Povo português fará com que esses condecorados não sintam prazer algum na exibição de tais cruces de guerra de 1.ª ou de 20.ª classe...

Mas, mesmo agora, essa onda de condecorações com que o Governo salazarista pretende levantar o ânimo guerreiro do povo português nada mais conseguirá que reavivar a saudade nas famílias presas nos laços da dor pela perda dos entes queridos, mortos numa suja guerra de domínio e opressão dos povos coloniais levada a cabo pelo salazarismo e seus acólitos, tão criminosos como ele.

Abaixo a guerra colonial!

Lutemos contra ela, por todos os meios que pudermos!

B. S.

picnique e formaram um cortejo mulheres à frente, bloqueando a estrada, sem deixar passar os carros, dirigiram-se pela rua principal sempre aos gritos de «Abaixo o fascismo», «Viva a liberdade», «Fora com Salazar», etc. O povo que se aglomerava pelos passeios aplaudia. A PIDE e a GNR caminhavam na cauda do cortejo, mas sem intervir.

CARTAXO:

Houve muita gente que foi para o campo fazer picniques. Pararam algumas fábricas, entre elas a MOLI.

TORRES NOVAS:

Durante todo o dia foram lançados foguetes e morteiros e a maioria das fábricas parou, os trabalhadores foram para as hortas. Os operários é que impedem o fecho das fábricas, dado que as faltas ao trabalho são tantas que os industriais não têm outro remédio senão fechar.

(Correspondente.)

MENSAGEM SINDICAL

(Conclusão da pag. 8)

No aspeto de previdência, é uma calamidade. Sobre acidentes no trabalho, constata-se cerca de 300.000 por ano; os mortais são considerados «segredo do Estado», mas somente idos a tribunais contam-se mais de 500 por ano. Calcula-se que, pelo menos, 40.000 a 50.000 trabalhadores emigram, por causa das condições de miséria que reinam em Portugal. Isto representa metade da taxa demográfica nacional. Milhares de jovens desertores arribam a França. Numerosos têm sido os crimes de morte, praticados pela Pide contra os operários portugueses: Vieira Tomé, Germano Vidigal, Militão Bessa Ribeiro, José Moreira, Bento Gonçalves, Mario Castelano, Antonio Branco, Alvaro Gonçalves, Catarina Eufémia, Alfredo Lima, José Adelino dos Santos, Alfredo Diniz, o médico Ferreira Soares, o escultor José Dias Coelho, os jovens Antonio Adanjo, Francisco Madeira, Estêvão Ciro, Cândido Martins, Agostinho Fineza, e tantos outros.

Finalizando, agradecemos à C.G.T. quanto tem feito e venha a fazer pela ajuda e reforço nos laços de amizade e compreensão entre as classes trabalhadoras francesa e portuguesa, desejando-lhe um pleno sucesso na luta contra os monopolistas, exploradores dos operários.

Viva o Internacionalismo Proletário!
Viva o 35º Congresso da C.G.T.

Maio de 1965.

AXIOMA

O pobre e o rico são duas pessoas.
O soldado defende os dois. (?)
O contribuinte paga para os três.
O trabalhador trabalha para os quatro.
O vadio, come dos cinco.
O usurário explora os seis.
O confessor confessa os sete.
O bêbado ri-se dos oito.
O advogado defende os nove.
O médico mata os dez.
O cangalheiro enterra os onze...
...E o «Fundo do Desemprego»
Leva o dinheiro dos doze.

Carlos Figueira.

(De um jornal de Lisboa).

(?) - Só a interrogação é da nossa lavra.

E A LISTA CONTINUA...

A juntar à longa lista (feita de pequenas listas que quase diariamente os jornais publicam) dos que para sempre perderam a vida numa injusta e criminosa guerra, que vai deixando o luto no coração duma grande parte das famílias portuguesas e africanas, publica-se hoje mais nomes vindos a lume num dos «Comunicados das Forças Armadas», desta vez de Moçambique. É datado de 6 do corrente mês de Junho. Nele se indica que morreram em combate:

— Segundo-sargento Joaquim Fernando, natural da freguesia e concelho de Alcoçaba, e os soldados nºs 1020/64, Manuel Henriques Monteiro, natural da freguesia da Póvoa de Midões, concelho de Tábua; 1023/64, Manuel Fiuza Parente das Bouças, natural da freguesia de Moreira de Lima, concelho de Ponte de Lima; e 1049/64, Manuel Luis Prazeres Lima, natural da freguesia de Alvelos, concelho de Barcelos; e segundo-sargento fuzileiro especial nº 4132, Alexandre Silva Martins, natural da freguesia e concelho de Vila Verde, distrito de Braga.

E A LISTA AUMENTA SEMPRE...

São os próprios «Comunicados» oficiais que o dizem...

— Na Guiné, faleceu, «por doença», o capitão do Serviço Geral do Exército, Armando Almeida Tavares.

— Num «acidente con arma de fogo», morreu em Moçambique o soldado nº 1851/63, Manuel de Jesus Vasconcelos.

— Em Angola, faleceu, por acidente, o soldado José António da Silva Belo Nunes, segundo informou os Serviços das Forças Armadas.

— Na Guiné, morreram, afogado, o soldado Antonio dos Santos Luna e, por acidente, o primeiro-cabo Manuel da Silva Carvalho.

(dos jornais de 5/6/1965).

FIM DE UM BARCO...

A fragata portuguesa «Afonso de Albuquerque», atingida pelo fogo indiano durante a retomada de Goa pela Índia em 1961, foi vendida num leilão daquela cidade por 771.000 rupias (4.626 contos) a um comerciante local.

(dos jornais de 5/6/1965).

SALVEMOS A PAZ, ANTES QUE SEJA TARDE

Se o presidente dos Estados Unidos da América toma hoje as atitudes que Hitler tomou em 1939; se o Pentágono norte-americano se comporta hoje como, ontem, se comportavam os generais colaboradores de Hitler; se os Estados Unidos invadem os Estados Independentes e massacram os povos mais fracos, como a Alemanha nazista fez com a Austria e com a Checoslováquia, etc.; se Johnson afirma descaradamente que não tolerará que nenhum país da América do Sul adopte o regime socialista, como ontem Hitler também o afirmava; se o povo dos Estados Unidos não obrigar os seus dirigentes a outra atitude e, pelo contrário, permitir que o seu governo continue a ameaçar tudo e todos, o Mundo será lançado numa guerra geral, como o foi em 1939, e os Estados Unidos e o povo norte-americano terão a sorte que teve a Alemanha e o povo alemão, com a grande diferença de ficarem ainda muito pior.

A política de coexistência pacífica preconizada e praticada pelos Estados Socialistas e amantes da Paz tem por objectivo evitar uma terceira guerra mundial, e não pode ser uma forma de encorajar os agressores imperialistas.

É preciso que os defensores da Paz façam compreender aos imperialistas e aos respectivos, povos que a Paz pode ser defendida, se tanto for preciso, destruindo-os.

Que os reacçãoários não queiram fazer uma guerra anti-comunista, porque uma tal guerra seria inevitavelmente o fim do capitalismo.

Que todos os governos sejam obrigados a reconhecer, e aceitar, que cada povo tem o direito de escolher e adoptar o regime político e social de sua preferência, seja qual for o ponto do globo onde se encontre situado. Os Estados Unidos têm de respeitar a soberania e a integridade dos países da América cujos povos entendam passar ao socialismo, como a União Soviética e os outros países socialistas respeitam e toleram os estados capitalistas seus vizinhos.

Que o Presidente dos Estados Unidos e os loucos do Pentágono sejam metidos no manicómio, antes que o mundo seja lançado numa guerra atómica!

Permitir-lhes que façam chantagem com o desejo de paz dos povos que a

amam seria muito perigoso para a própria Paz.

Que os defensores da Paz forneçam as melhores armas aos povos agredidos pelo imperialismo americano. Que os fautores de guerra sejam metidos na ordem. Que os povos que não querem ser destruídos se levantem em defesa da Paz e dos povos agredidos. Que os invasores e criminosos americanos saiam de S. Domingos e do Viet-Nam. Só assim se poderá dar um passo seguro no caminho que conduz a negociação para a estabilização da Paz ameaçada.

RESOLUÇÃO ADOPTADA EM ST-GENEVIÈVE-DES-BOIS

Reunidos ao apelo lançado pelo Sindicato da Construção C.G.T. de Juvisy e da sua região, os 700 trabalhadores emigrados portugueses e franceses das Empresas Deromédi, Drouard, Quillery, Lafond, Versillé, Linville, ST Rapt et Brice, etc., adoptaram por unanimidade o seguinte "Programa Reivindicativo":

1º Igualdade de direitos em matéria de salários.

2º Igualdade de vantagens sociais, especialmente em "Sécurité Sociale", Abonos de Família, Salário único.

3º Simplificação dos processos administrativos para a abertura dos direitos aos beneficiários.

4º Aplicação integral e imediata do decreto de 8 de Janeiro de 1965, sobre os alojamentos provisórios dos trabalhadores deslocados ou vivendo colectivamente.

5º Construção de locais de distração em todos os "chantiers" que sejam duma duração superior a 4 meses e ocupem mais de 20 assalariados.

6º Aumento geral de salários.

7º Diminuição da duração do trabalho sem diminuição de salário.

8º Indemnização de grandes deslocções para todos os trabalhadores emigrados.

9º Aplicação imediata das medidas de segurança e eleição de Comités de Segurança no trabalho, eleitos pelos operários.

10º Reconhecimento de todos os direitos sindicais sobre a base de empresas e "chantiers". Eleição de delegados do pessoal e do C.E. de trabalhadores residentes não privilegiados. Todas estas reivindicações são legítimas e urgentes, para o melhoramento das condições de vida e de trabalho dos operários da Construção e das Obras Públicas.

Mas, embora legítimas, essas reivindicações não serão alcançadas senão por um possante movimento de todos os trabalhadores, com continuidade.

Eis porque, os participantes a esta reunião decidem unir-se, organizar-se na C.G.T. e agir em cada "chantier" sob as mais divrsas formas, em face de cada patrão.

Eles chamam todos os trabalhadores da Construção e das Obras Públicas a seguirem o seu exemplo. Só a organização e a acção unida de toda a classe operária conseguirão derrotar a resistência patronal e governamental.

UM CONGRESSO QUE FICARÁ NA HISTÓRIA

(Conclusão da pág. 1)

dade e paz são denominadores comuns aos trabalhadores do mundo inteiro.

Delegado dum pequeno sindicato, ou representante dos trabalhadores duma grande fábrica, todos os delegados sentiram que na sua acção eles não estavam sós, e eles puseram nisso razões suplementares de confiança.

Confiança para prosseguir e acentuar as suas lutas adentro da unidade pelas suas reivindicações económicas e sociais, pela instauração de uma democracia digna deste nome, para salvaguardar a Paz e, em particular, para acabar com a agressão americana no Viet-Nam.

Confiança na possibilidade de pôr em cheque a política anti-social do poder gaullista, a arrogância e a intransigência do Conselho Nacional do Patronato Francês (C.N.P.F.).

Confiança, enfim, para dar à C.G.T. os meios ainda mais importantes para que possa agir com sucesso, levando a cabo um reforçamento das suas fileiras com o apoio de dezenas de milhares de novos aderentes.

É necessário, no entanto, fazer conhecer as decisões deste Congresso, de as popularizar e de as fazer entrar na vida. Esta será a tarefa não somente dos delegados que participaram no seus trabalhos, mas do conjunto dos militantes sindicalistas e das organizações sindicais confederadas.

"La Vie Ouvrière"

l'hebdomadaire de la C.G.T.

est en vente auprès des diffuseurs, des syndicats de la C.G.T.,

à LA VIE OUVRIÈRE
18, rue des Fêtes, PARIS-19°

Abonnements : CCP 4119-17 Paris

6 mois : 19 F.

1 an : 36 F.

Etranger : 50 F.

UMA SÓ CLASSE, UMA SÓ ORGANIZAÇÃO SINDICAL

(Conclusão da Pág. 1.)

operários, que são o maior número dos assalariados deste país?

Há dirigentes da C.G.T. e dos sindicatos que são comunistas. Porque não o deveriam ser, ou porque deveriam esconder de sê-lo, numa organização onde eles são companheiros de outros trabalhadores que não são comunistas, mas onde, democraticamente, todos os sindicalizados têm os mesmos e iguais direitos? Mas o que faz a nossa força e a nossa consciente capacidade de realização, é que nenhum dos dirigentes da C.G.T. foram eleitos para ela por serem comunistas ou não, mas sim escolhidos pela sua actividade sindicalista, pela sua dedicação à causa operária, e escolhidos pelo conjunto dos sindicalizados.

Não obstante as dificuldades encontradas, e outras que encontraremos ainda, nós prosseguiremos incansavelmente o nosso esforço pela criação duma central sindical única. Nós o faremos com o mesmo largo espírito de compreensão, aberto a todas as observações sérias, a todas as possibilidades de aproximação isentas de mesquinhas e sectarismos do género dessas que nós somos frequentemente obrigados a denunciar.

Dizem também, por vezes, que a unidade sindical é precária pela razão das oposições das tendências. Apoiem-se, para dizer isto, em anteriores dissidências.

Ora, as razões que dão para essas cições são pouco convincentes e a verdade histórica é bem diferente dessa outra que apresentam.

Para já, é necessário dizer que nas duas vezes que a C.G.T. restabeleceu a unidade da classe operária, 1935 e 1943, ela começou por realizar as tarefas essenciais que os trabalhadores esperam:

— Conquistas sociais sem precedentes impostas ao patronato em 7 de Junho de 1936, pelos Acordos de Matignon;

— Reforçamento da luta clandestina nas empresas durante a ocupação hitleriana e reformas sociais da Libertação.

Uma verdade histórica irrefutável que é necessário dar a conhecer é a que, a cada vez que a unidade dos trabalhadores é realizada, certos militantes, sobretudo entre os que mais se destacam na classe operária, se opõem uns aos outros até ao extremo de constituírem clandestinamente fracções dentro da própria organização sindical, e, pior que isso, alguns dentre eles tendo certos laços directos com a burguesia. As suas campanhas de desagregação tiveram igualmente como tema o anti-comunismo.

O que é verdade, ainda, é que a acção de sapa desses minoritários tem sido impotente para, só com ela própria, poder provocar a cisão.

E' sempre a imiscuição dos governos nos assuntos dos sindicatos e o apoio que esses siccionistas recebem desses governos que faz com que esse fim seja conseguido. Em 1939, é o governo Daladier que pede aos dirigentes da C.G.T. que exclua os comunistas, obtendo deles a satisfação desse pedido. Em 1947 e 1948, são as manigâncias do governo americano,

intervindo directamente, seja por alguns dos seus membros, como Marshall, por exemplo, seja por alguns dos seus agentes de confiança dentro do meio operário, como esse que é mundialmente bem conhecido, Irving Brown.

Ainda uma vez mais, é porque essas forças exteriores encontraram complicitades no interior mesmo da C.G.T., principalmente entre os profissionais do anti-comunismo estropiado e estreito, sem princípios, que a cisão foi então consumada.

Que se realize a unidade sindical, que cada um tenha a preocupação de assegurar a independência real da organização sindicalista e faça barragem à penetração no seu seio das manobras do inimigo da unidade, é nesta via que é preciso procurar e encontrar e estabilidade da unidade operária, e não dentro dos encantamentos para exercitar fantasmas, de que a evocação não é nem séria, nem está conforme com a necessidade de solução dos verdadeiros problemas que afectam a classe operária.

Os nossos esforços pela união da classe trabalhadora não se limitam ao plano nacional.

No quadro dos países do Mercado Comum, nós consideramos como absolutamente indispensável de opor uma frente inida de todos os assalariados à aliança dos monopólios que, mesmo quando as contradições inevitáveis os preocupam entre si, realizam o entendimento, conseguem entender-se perfeitamente para fazer uma política anti-operária, com o conseqüente grave prejuízo de todos os trabalhadores.

E' por isso que devemos batalhar por uma forte união da classe operária. E' por isso que a nossa palavra de ordem é: — UMA SÓ CLASSE, UMA SÓ ORGANIZAÇÃO SINDICAL.

ESCLARECENDO

Conhecemos já alguns casos de operários portugueses que, quando chegam a França e são admitidos a trabalhar em certas empresas, os patrões têm-lhes ficado com documentos de identidade, como seja passaporte, bilhete de identidade, e, mesmo, até com a cédula militar, com o pretexto de «fazer-lhes os papéis» — e guardam-nos durante meses e meses. Aconteceu, também, num dos casos, que um operário foi despedido, sem que o patrão lhes tivesse dado os seus papéis, nem a «carta de trabalho» nem a «carta de sêjour» que ele se comprometera a pedir às autoridades. Valeu neste, e noutros casos, a intervenção da C.G.T., que obrigou o patrão a regularizar a situação dos operários e a devolver os documentos abusivamente detidos por ele.

Trabalhadores portugueses! Não há lei alguma em França que permita aos patrões a reterem em seu poder a documentação pessoal dos seus operários. Logo que os elementos sejam colhidos, os documentos de identidade devem ser devolvidos aos seus possuidores.

O 1º DE MAIO EM GRENOBLE

A's comemorações do dia 1 de Maio, que se prolongaram até ao dia 2, compareceu grande número de portugueses.

Realizaram-se várias reuniões preparatórias com os operários portugueses da região, acompanhadas de intensa propaganda.

Das comemorações faziam parte:

SABADO, 1 de MAIO; 9 h. 30 m., participação dos Portugueses na manifestação organizada pela C.G.T.

15 h. 30 m., JOGO DE FUTEBOL (entre duas equipas de portugueses).

DOMINGO, 2 de MAIO; 15 h., FESTA DO TRABALHADOR PORTUGUES (com variedades, fados e guitarradas, etc.)

A todo este programa, assistiram numerosos portugueses de Grenoble e arredores (alguns vindos de 30 quilómetros de distância).

No sábado, trabalhadores portugueses participaram, ao lado dos camaradas franceses, espanhóis, italianos, etc., na manifestação da C.G.T.

A tarde realizou-se o desafio de futebol.

Devemos assinalar a activa participação dos trabalhadores portugueses de Saint-Martin-d'Heres e de La Tronche (arredores de Grenoble) que, organizando as suas equipas e participando nas reuniões de preparação, asseguraram o êxito desta realização.

O desafio terminou com um empate de 4-4 das duas equipas: portugueses de Saint-Martin-d'Heres que foram reforçados na 2ª parte por alguns portugueses de Saint-Egrève) contra os portugueses de La Tronche.

Deste desafio, ficou a ideia, que já se começou a concretizar, de formar uma equipa de futebol única, dos portugueses de Grenoble e arredores, para participar no campeonato da F.S.G.T. (campeonato inter-sindical da C.G.T.).

No domingo, dado que os espanhóis faziam também uma festa, resolveu-se fazer uma festa única de SOLIDARIEDADE LUSO-ESPANHOLA.

Nesta Festa salientou-se a semelhança dos problemas espanhol e português, onde as ditaduras de Franco e de Salazar obrigam os trabalhadores dos dois países a emigrar para ganhar o seu pão.

Salientou-se ainda o significado do dia 1 de Maio, Jornada Mundial pelo Bem-Estar do Povo e pela Paz. Foram lembradas, pela parte portuguesa as grandes manifestações de 1962, 1963 e 1964 e a heróica luta dos camponeses do Alentejo pelas 8 horas de trabalho. Foram lembrados os sacrifícios dos operários portugueses mortos a tiro nas manifestações de 1º de Maio.

Na festa que se seguiu distinguiu-se entre outros um operário cantor, de Saint-Martin-d'Heres, que até chegou a improvisar no palco uma canção com a letra dedicada ao 1º de Maio, e que foi muito aplaudido.

Desta Festa saiu a ideia da formação e ensaios de um grupo português de variedades. (Correspondente.)

MENSAGEM DO MOVIMENTO SINDICAL ANTI-FASCISTA PORTUGUÊS

Damos a seguir um resumo da Mensagem do Movimento Sindical Anti-Fascista Português recebida durante o 35º Congresso Nacional da C.G.T., há pouco efectuado :

Queridos Camaradas,

E'-nos impossível estar presentes no vosso XXXV Congresso pelas razões fáceis de compreender. Enviamos-lhes os fraternais sentimentos da classe operária portuguesa, com votos de completo sucesso na luta da classe operária francesa contra a exploração capitalista e pela instauração duma verdadeira democracia. Nós seguimos com todo o interesse a vossa luta e com ela nos solidarizamos. Por outro lado, os laços que unem os trabalhadores portugueses aos seus irmãos franceses (de que a C.G.T. é o principal sustentáculo), são hoje mais fortes que nunca. Com efeito, a ajuda fraternal que prestam aos trabalhadores portugueses em França, como sejam, entre outras, no aspecto social, com permanências, escolas e, sobretudo, a saída do mensário « O Trabalhador », constitui uma apreciável contribuição dos laços de internacionalismo proletário que nos unem.

Queremos dar-lhes, queridos camaradas, a largos traços, um panorama da luta que os trabalhadores portugueses têm mantido, através dos quase 40 anos de ditadura fascista, de terror policial :

Em Portugal, não há liberdade sindical. Os sindicatos livres foram destruídos com o regime de Salazar. Foi em 1933 que este ditador pôs em execução o «Estatuto de Trabalho Nacional». Era uma cópia da «Carta del Lavoro», de Mussolini. Nele se condenava a luta de classes. Proibia-se a greve. Encerraram-se os sindicatos até então livres. Seus bens, que eram dos trabalhadores, foram confiscados. E em seu lugar foram criados os sindicatos do governo, isto é, os «Sindicatos Nacionais». E' necessário dizer que os trabalhadores conseguiram manter de 1926 a 1933, cerca de 8 anos, a defesa dos seus sindicatos. E quando, em 1933, o salazarismo decretou a sua extinção, isso desencadeou uma greve geral, que, em certas localidades, como na Marinha Grande, tomou o caracter duma revolução operária. O Governo salazarista sufocou a greve e muitos dirigentes operários foram assassinados nas prisões da policia política e no Campo de Concentração do Tarrafal, conhecido

pelo «campo da morte lenta». Fazendo face ao terror fascista, os trabalhadores portugueses tentaram criar sindicatos clandestinos, com sua imprensa própria. Mas os resultados mostraram a necessidade de utilizar os «sidicatos nacionais» para neles se tentar defender, com a cooperação do maior número possível de aderentes, os interesses dos trabalhadores, levá-los a lutar pela defesa desses seus interesses. Esta orientação deu seus resultados. Muitas direcções destes sindicatos foram parar às mãos de trabalhadores honestos e defensores dos interesses da sua classe.

Quanto aos operários agricolas, os seus sindicatos foram substituídos por «Casas do Povo», onde estão agregados trabalhadores rurais com os pequenos, médios e grandes proprietários, sendo estes que exercem a principal influência neles.

Mas através de grandes concentrações de operários agricolas, de greves e de outras manifestações, estes operários têm conquistado melhores salários; a jornada de 8 horas de trabalho foi conseguida em várias regiões agricolas graças à sua persistente luta.

Os pescadores são agrupados nas «Casas de Pescadores», cujas direcções estão nas mãos dos patrões e das autoridades fascistas.

Mas os trabalhadores portugueses lutam constantemente contra este estado de coisas. E a greve aparece como a arma mais eficaz nestas lutas. No entanto, a greve está proibida por lei e quem a faz incorre num «crime» que é punido pelas autoridades salazaristas de 2 a 8 anos de prisão! Mas não obstante esta grave ameaça, os operários portugueses, incluindo agricolas e marítimos, têm feito greve. Nestas alturas, a direcção da greve toma a forma dum comité ilegal, adentro da unidade. Todos os anos têm-se verificado greves em Portugal, com centenas de pequenas e grandes lutas, que movimentam milhares de trabalhadores. Entre estas, há a realçar a greve dos pescadores do Algarve, durante 15 dias; ela movimentou toda essa região e foi sustentada pela população dessa provincia. De 30 de Dezembro a 8 de Janeiro, deste ano, os valentes pescadores de Matosinhos, ao norte, travaram uma dura luta, de que saíram, como os seus camaradas do sul, vencedores! A luta dos empregados bancários, dos trabalhadores da CUF, de Alcanena, do porto de Lisboa,

da Carris de Lisboa (metro-bus) dos empregados de seguros, das tipografias, de jornalistas, etc., provam quanto a classe trabalhadora de Portugal é corajosa e luta pela defesa dos seus interesses, que são os do povo português.

Para mostrar-se o grau de exploração do governo salazarista, basta dizer-se que a distribuição do rendimento nacional é de 70 % para o capital e apenas de 30 % para aqueles que trabalham! O salário médio dos operários industriais da região de Lisboa (região onde os salários são dos mais elevados) não chegam a atingir 140 F por mês! E a média dos composeses, durante o ano, é de 50 F mensais!

(Conclui na pag. 5.)

GRANDE FESTA DA JUVENTUDE

Levada a efeito pela segunda vez no Parque de Montreau, em Montreuil, pela U.D. do Sena dos Sindicatos C.G.T., realizou-se em 26 e 27 de Junho a Grande Festa da Juventude trabalhadora, a que assistiram para cima de 50.000 pessoas.

Esta grande festa, que é como que o encerramento de dezenas de outras pequenas-grandes festas realizadas por toda a França, tem sempre como base uma série de reivindicações para a Juventude Trabalhadora deste país. Neste ano, essas reivindicações constaram de :

- A 5a. semana de férias pagas ;
- Horas pagas para a prática de desportos e para seguir cursos profissionais ;
- A diminuição ou a supressão dos descontos por motivos de idade ;
- O direito de voto aos 16 anos e o de ser eleito aos 18 anos ;
- A construção de estúdios, casa da juventude, etc.

Houve larga concorrência de atrações feirantes, assim como a representação de numerosos organismos sindicais cêgétistas, através de stands. Houve, igualmente, dois bailes gigantes, abrilhantados por afamadas orquestras, assim como um esplêndido espectáculo de variedades, a que deram o precioso concurso, entre outros, os artistas Alain Barrière, Rika Zarai, Les Haricots Rouges, Tiny Yong, Jean-Claude Annoux e Jean Ferrat, com a apresentação plena de humor e espírito de Maurice Biraud, que foi um autêntico sucesso.

Os democratas e sindicalistas portugueses estiveram, também, representados nessa grande festa com um interessante stand.

Circulou uma petição entre a assistência à festa, dirigida ao Presidente da República Portuguesa, na qual se protestava contra a manutenção na prisão do sindicalista português Jose Rodrigues Vitoriano e se exigia a sua imediata libertação. Esse documento recolheu cerca de 1.000 assinaturas, na sua quase totalidade de trabalhadores franceses, e também de dezenas de portugueses.

ADERE à C.G.T.

Apelido Nome
 Profissão Idade
 Endereço
 Empresa e local de trabalho
 Data Assinatura :

Preenche esta proposta e entrega-a ao delegado C.G.T. onde trabalhas, ou envia-a à C.G.T. : 213, rue Lafayette, Paris-10°.